



A agitação nas universidades americanas

(Walter Russel Mead, Wall Street Journal, 30.04; Jonathan Pidluzny, City Journal, 23.04; Asaf Romirowski, Algemeiner 26.04.)

Muitos dos mais apaixonados militantes nas universidades americanas acreditam que o Hamas quer criar um estado laico palestino, que os judeus israelenses são imigrantes europeus que deslocam uma população indígena – são colonos brancos que deveriam voltar para a sua Polônia de origem. Pensam que Israel só sobrevive por causa do apoio americano e que um presidente americano poderia forçar Israel a fazer quase tudo o que ele quisesse.

Eles entendem ser o Hamas parte de uma coalisão global de movimentos “progressistas” que defendem causas como mudança climática, democracia, direitos dos LGBTQ, enfrentando o capitalismo global. Nem as cabeças mais sábias do mundo, trabalhando juntas, poderiam desenvolver uma estratégia baseada numa visão de mundo tão incoerente e irrealista.

Um levantamento feito pela ONG “Amcha Initiative” em 400 campos universitários americanos, registrou mais de cinco mil incidentes, tais como ataques físicos, vandalismo, expressões genocidas e BDS (boicote, desinvestimento e sanções) contra Israel. Revelou ainda que há 50 anos as universidades vêm recebendo subsídios de países como o Catar, que induzem departamentos e professores universitários a adotar propaganda antissionista e que 70 por cento desses professores atuam nos departamentos que tratam dos temas étnicos, de gênero ou sobre o Oriente-Médio.

Esses departamentos demonizam Israel sistematicamente e tornam permissíveis e até respeitáveis as atitudes antissemitas dos estudantes, sendo responsáveis por 90 por cento das iniciativas contra Israel. A Amcha Initiative observou uma correlação entre a presença dos professores antissionistas e níveis significativamente mais altos de hostilidade dos estudantes em geral em relação aos seus colegas judeus.

(Nota da Redação: A atual explosão de irracionalidade e de manifestações de ódio contra Israel e os judeus nas universidades americanas, europeias e de outros países não reflete, portanto, apenas a ignorância política dos estudantes ou comportamentos contestatários em geral atribuíveis a pós adolescentes.

Os professores militantes do antissionismo - agora ostensivamente associado ao antissemitismo - são quase sempre esquerdistas que partem da premissa de que a



chave para a compreensão do mundo está no binômio “opressor-oprimido”, que aplicam também à realidade política, econômica e social dos Estados Unidos.

Ao aplicar a Israel as suas “teorias críticas” neomarxistas, vulgarizadas com os slogans “woke”, esses professores buscam contestar indiretamente o regime político vigente nos EUA, classificado igualmente de racista, adversário da equidade sócio econômica e opressor das “minorias”, das quais os judeus estão excluídos e os islamistas incluídos arbitrariamente.

Asaf Romirowski, diretor da ONG “Acadêmicos pela Paz no Oriente Médio”, citado no Algemeiner, entende que “a massiva participação de professores favoráveis ao Hamas nas demonstrações contra Israel marca um ponto de inflexão na história americana”, refletindo “uma evolução da ideologia marxista que vem se infiltrando na academia desde os anos 1960”.

“Os protestos não são sobre liberdade de expressão, mas de apoio ao terrorismo, ao genocídio de judeus e a gradual adesão dos progressistas ao antijudaísmo na educação superior, o que não se via desde que os nazistas ocuparam as universidades alemãs na década de 1930”.

.....

Sobre a atual situação das universidades americanas em geral pode ser útil assistir no You Tube à entrevista com o professor de psicologia de Harvard Steven Pinker sob o título “What went wrong with Harvard”).

E os árabes (ou palestinos) cidadãos de Israel?

(Reuters, 20.11.2023, Robert Cherry, Algemeiner, 26.04; Peggy Cidor, Jerusalem Post, 21.07.23)

A ONG “Instituto Israelense sobre Democracia”, que há 20 anos vem realizando pesquisas de opinião a respeito dos árabes israelenses, revelou que anualmente, entre 2016 e 2022, a proporção de cidadãos árabes ou palestinos que se sentiam parte de Israel flutuava entre 39 e 43 por cento. Logo após o ataque do Hamas, isso aumentou para 70 por cento e com o aumento das mortes e destruição em Gaza baixou para 65 por cento.

Essa avaliação positiva da integração no Estado judeu foi maior entre os Drusos (80 por cento), seguido dos cristãos (73 por cento) e muçulmanos (62 por cento). O único subgrupo destoante foram os árabes ultranacionalistas que votam do partido árabe Balad (43 por cento).

Dentre os muçulmanos 60 por cento consideram as FDI (Forças de Defesa de Israel) e o Hamas igualmente responsáveis pelo conflito, 15,5% só as FDI seriam responsáveis e 12% só o Hamas. Cerca de 46% dos drusos e cristãos consideraram o Hamas o único responsável.



(N. da R. Para uma visão crítica e bem humorada das dificuldades palestinas em entender a realidade de Israel, vale assistir no You Tube a Bill Maher, Real Time, “From the River to the Sea”, gravado em 16.12.2023).

Uma empresa egípcia dedicada a traficar palestinos

(Venetia Menzies, Sunday Times-R.U., 28.04).

A empresa privada egípcia Hala Consultoria e Turismo dedica-se ao lucrativo negócio de trazer para seu país centenas de habitantes de Gaza diariamente. Ela cobra mais de 5.000 dólares por adulto e 2.500 por menores de 16 anos.

Segundo análise feita pelo jornal, a empresa faturou um mínimo de 88 milhões de dólares desde o início de março ao levar ao Egito mais de 20 mil pessoas. A partir do início de abril, esses imigrantes aumentaram de 295 para 475 pessoas por dia, gerando uma receita média diária de dois milhões de dólares.

(N. da R.: Esse fenômeno não poderia ocorrer sem a autorização do governo egípcio, que por princípio se recusa a aceitar refugiados de Gaza pela óbvia razão do risco securitário de acolher simpatizantes ou militantes da Irmandade Muçulmana, inimiga do regime militar, e os terroristas do Hamas.

Ao cobrar taxas elevadas, por meio de uma empresa privada, o país estaria fazendo uma certa seleção, na medida em que famílias com maior poder aquisitivo seriam menos inclinadas a criar problemas ao governo, ao mesmo tempo em que o Egito estaria cedendo um pouco às pressões americanas para autorizar tal imigração.

Por outro lado, nessa questão pode estar envolvida igualmente um interesse financeiro semelhante ao que existe na tolerância ao contrabando de armas e munições para o Hamas, que passou pela fronteira de Rafá ao longo dos anos. E é até possível que dirigentes do Hamas aproveitem esse canal para escapar da ameaça israelense).

Britânicos vão verificar o tratamento de prisioneiros em Israel

(Itamar Eichner, Ynet News, 28.04)

O governo israelense autorizou em 27.04 que dois observadores britânicos visitem os prisioneiros de Gaza que participaram do massacre de 7 de outubro, depois que o governo britânico impôs essa condição para continuar a transferir ajuda militar a Israel. Os dois observadores serão acompanhados por um juiz israelense.

Funcionários do Reino Unido disseram que queriam verificar se Israel está observando o direito internacional em relação aos prisioneiros.

(N. da R.: Quem não deve não teme, mas essa condição não é imposta aos próprios britânicos, nem a qualquer outro país, desenvolvido ou não. Não consta que algum



país tenha solicitado inspecionar os prisioneiros islamistas na base militar de Guantánamo.

O tratamento aos prisioneiros terroristas, por não pertencerem a um exército regular, não estão sujeitos a esse tipo de proteção, mas o governo britânico está politicamente na defensiva diante das manifestações públicas a favor do Hamas - e Israel não tem nenhum interesse em criar uma dificuldade no relacionamento bilateral).

O “genocídio” em Gaza não é “plausível”

(Jack Elbaum, *Algemeiner*, 26.04)

Ao contrário do que se difunde pela mídia e redes sociais, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) não sentenciou que era “plausível” que Israel estivesse cometendo genocídio contra os palestinos de Gaza.

Joan Donoghue, que era a presidente da Corte quando foi promulgada a sentença, esclareceu esse ponto numa entrevista a BBC. Ela explicou que a CIJ decidiu duas questões: 1. Que os palestinos tinham um “direito plausível” de ser protegidos de um genocídio e 2. Que a África do Sul tinha o direito de apresentar o assunto à Corte. Em outras palavras, a CIJ estava tratando de questões de procedimento e não substantivas.

(N. da R.: Esse é apenas um exemplo entre incontáveis falsas alegações e interpretações enviesadas contra Israel na mídia e nas redes sociais. A mais recente é a de que as Forças de Defesa de Israel teriam matado e enterrado palestinos numa fossa comum perto de um hospital em Gaza, embora as FDI tenham apenas exumado corpos para verificar se não eram reféns israelenses e, em seguida, os enterraram de forma respeitosa.

Quem estiver interessado em acompanhar as “fake News” sobre Israel e sua contestação pode consultar regularmente os sítios da “Honest Reporting”, da “NGO Monitor” e da “CAMERA-Committee for Accuracy in Middle East Reporting and Analysis”).

O S-G da ONU contesta que o Hamas comete violência sexual

(Times of Israel, 23.04)

A ONU publicou o “Relatório do Secretário-Geral Violência Sexual em Conflitos” ignorando a grande quantidade de testemunhos e provas constantes do relatório sobre o ataque do Hamas em 7 de outubro apresentado por Pramila Patten, a “Representante Especial do Secretário-Geral sobre Violência Sexual em Conflitos” como resultado de sua missão em Israel para averiguar o acontecido.

António Guterres não podia deixar de citar o Relatório Patten, mas o descartou “por não ser de natureza investigativa e, dada a sua limitada duração, não concluiu sobre



a atribuição a grupos armados específicos ou determinou a prevalência de violência sexual relacionada ao conflito durante e após os ataques de 7 de outubro”.

Num documento da chancelaria israelense, o ministro Israel Katz acusou Guterres de se recusar a reconhecer a responsabilidade do Hamas pelos graves crimes sexuais que constam do relatório de Patten e de “não declarar o Hamas uma organização terrorista, atuando em solidariedade com os estupradores e assassinos do Hamas...Estou convencido de que, se os crimes do regime nazista ocorressem durante o seu mandato, ele também teria se recusado a condená-los caso os seus interesses políticos assim o demandassem. Guterres tornou a ONU uma instituição extremamente antissemita e contrária a Israel, e seu período no cargo será lembrado como o mais negro na história da organização”.